

# Webdiáspora e a Decisão de Migrar: Relatos Haitianos no Brasil

## Web Diaspora and the Decision of Haitians to Immigrate: Haitian Accounts in Brazil

Otávio Cezarini Ávila<sup>i</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro, Brasil

**Resumo:** O artigo foca nos usos das tecnologias de informação e comunicação (TICs) sobre a tomada de decisão de migrar realizada pelos haitianos que vieram ao Brasil, mais especificamente na cidade de Curitiba. Decorrente de uma ampla pesquisa sobre as práticas comunicativas dos haitianos, busca-se saber como as tecnologias de comunicação e informação contribuem na formação de um capital de mobilidade desses indivíduos, incorporando a teoria de Bourdieu – capital e *habitus* – à análise comunicativa estabelecida no universo da sociedade mediatizada e da globalização transnacional. Conclui-se que o caráter afetivo promovido pela circularidade informacional possibilita que se reconheçam novas formas de “ser migrante”.

**Palavras-chave:** Migração; TICs; Haiti; *Habitus*; Capital.

**Abstract:** The article focuses on the use of information and communication technologies (ICTs) in the decision of Haitians to migrate to Brazil and to the city of Curitiba in particular. Bourdieu’s concepts of capital and habitus were applied to research on the communicative practices of Haitians in which migrant’s created mobility capital in a context of mediatized society and transnational globalization. Informational circularity bestowed an affective character to Haitian social media practices giving rise to new ways of “being a migrant”.

**Keywords:** Migration; ICTs; Haiti; *Habitus*; Capital.

### Introdução

O Brasil e o Haiti aprimoraram um laço diplomático, social e político em 2004, com a criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah). Ligada à ONU e em parceria com o governo brasileiro, a iniciativa surgiu para tentar minimizar a crise política e social que atingia o país, que ainda perdura com as manifestações agora contra o presidente Jovenel Moise. Desde esse período, os capacetes azuis tornaram-se marca da política brasileira no Haiti, proporcionando um dos maiores fluxos migratórios entre os dois países.

---

<sup>i</sup> Doutorando em Comunicação e Cultura. Bolsista CAPES. ota\_cez@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-6495-6226>

Se a presença da Minustah durou até outubro de 2017 – sendo substituída pela Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti (Minujusth) –, o outro “lado da moeda” ainda é duvidoso: a presença dos haitianos no Brasil, passados os anos, já não é uma certeza. Uma das possíveis explicações para a desconfiança, a partir de 2016, ano em que houve também a maior entrada desses imigrantes no país (CAVALCANTI et al., 2017), foi o aumento do desemprego quando, entre os haitianos, houve mais demitidos do que admitidos (um saldo negativo de 10.891 contratações por CTPS, segundo o Conselho Nacional de Imigração).

De toda forma, tal fluxo continua ocorrendo dentro da América do Sul por conta das mudanças econômicas e políticas dos países. O Chile é um desses casos. Milhares de haitianos mudaram-se para lá como alternativa à crise brasileira, porém, após endurecer sua política migratória, o país fez com que se desenvolvesse uma rota de retorno, que atravessa a Bolívia e chega à fronteira de Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Ainda que seja necessário continuar acompanhando a dinâmica migratória haitiana para conferir se a migração humanitária manterá seu fôlego no Brasil do século XXI – sobretudo pela promulgação da Nova Lei de Migração, em 2017 –, o artigo tem como objetivo analisar como a construção do *capital de mobilidade*, fomentado pelas tecnologias de comunicação e informação (TICs), contribuiu para a formação da última diáspora haitiana ao Brasil, cujo cenário foi citado no início do texto.

O artigo se apresenta como recorte a um percurso já feito, cuja análise se deteve na construção das identidades migrantes fomentadas pelas práticas comunicativas dos haitianos residentes em Curitiba (ver *Nota de Agradecimento*). Como acréscimo ao percurso, situa as práticas mediadas por tecnologias como parte de um *habitus imigrante* tal como a reflexão sobre a “decisão de migrar” ao Brasil como componente de um *capital de mobilidade*. Ambas as expressões – *habitus* e *capital* – desenvolvidas na teoria da razão prática de Pierre Bourdieu, afirma Wacquant (2007), apresentam elevada capacidade em propor conceitos derivados, como estes ligados à migração.

Passando a cada parte do texto, o capítulo seguinte contextualiza a formação do *habitus imigrante* na formação identitária do Haiti contemporâneo. Analisar o fenômeno desse fluxo migratório ao Brasil requer a compreensão de um contexto mais abrangente da formação do Haiti como país de diáspora. Ou melhor, *dyaspora*, expressão da língua local que designa mais do que um deslocamento: tipifica um *capital*. Aos haitianos, o verbo “ser” parece se encontrar melhor com a palavra diáspora do que “estar” e possibilita que a análise bourdieusiana se aplique com mais ênfase. Seguidamente se discute sobre as redes construtoras do *capital de mobilidade*. As redes são os nós desencadeados pelo fluxo de mobilidade (físicos e culturais) em um mundo que transita do moderno ao pós-eletrônico. Questionadas pelas tecnologias de informação e de transporte, as fronteiras nacionais têm seu lugar ameaçado por comunidades imaginadas e suas estratégias integrativas no mundo social. Ainda neste contexto, o capítulo se aproxima à teoria de Pierre Bourdieu aplicando-a à realidade migratória e ao mundo midiático noções de *habitus* e *capital*.

Finalmente, a metodologia de análise de conteúdo ganha espaço no trabalho potencializando a interpretação das entrevistas realizadas com nove haitianos residentes em Curitiba. A partir do objeto da pesquisa, “as práticas comunicativas realizadas entre imigrantes e candidatos à imigração”, o artigo responde à pergunta: “Como as tecnolo-

gias de comunicação contribuem na formação de um *capital de mobilidade* aos haitianos que migraram ao Brasil?”. Compreendendo que o *capital de mobilidade* é exercido, sobretudo, frente à sua comunidade original, as análises demonstram o lado daquele que, ao imigrar, emigra, e possibilita que o ciclo migratório continue a se desenvolver. Busca-se compreender não só a imigração concretizada e vivida no cotidiano, mas a transitoriedade (emigração-imigração) como fator de identidade individual e referencial ao deslocamento de outros pares.

## As Diásporas da *Dyaspóra*

(...) o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. (...) Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” (...), a fronteira entre o ser e o não ser social. (BOURDIEU, P. In: SAYAD, 1998, p. 11)

A citação contribui na compreensão do ser migrante situando-o entre a esfera do outro e do eu; nem é da cultura étnica, do diferente, nem é o contrário ao outro, o próprio, o da cultura vivida e, por isso, a mais “civilizada”, como afirma criticamente Eagleton (2011). É este desafio no campo cultural que propõe Bourdieu ao situar o imigrante como um *atopos*. A fugacidade do lugar é condição enfrentada pelo imigrante em seu percurso social, em sua definição de ser caminhante, em constante ir e vir. No entanto, ao migrar, o indivíduo se ressignifica nas formas identitárias, mas se mantém ligado a um lugar materno. E é de forma concreta que isso pode ser percebido, como carregar consigo bandeiras, pela culinária e pela língua, ou ainda de formas subjetivas como datas, emoções. É o caso do Haiti, um país caracteristicamente migrante por seu histórico de lutas e invasões que acaba em confundir, muitas vezes, o desenvolvimento de seu povo à capacidade de “ser migrante”.

Ao se falar no fenômeno migratório, o Haiti tem sido constantemente invocado pelo imaginário social brasileiro da última década, porém, sua projeção diaspórica vem de antes. Segundo o antropólogo haitiano Joseph Handerson (2015), são considerados quatro os momentos da diáspora de seu país, que se inicia no processo de colonialismo, até uma última, de caráter socioambiental, já no século XXI. A pesquisa realizada por ele com compatriotas revela um sentimento de “obrigação” e “predestinação” pela mobilidade por meio de falas expressivas como “Desde que nasci, meu sonho era partir um dia” ou “Tenho de viajar um dia para *peyi etranje*”<sup>1</sup> (HANDERSON, 2015, p. 67). Esse sentimento, segundo o antropólogo, provém dos tempos coloniais, a busca pela libertação do país e, concomitantemente, dos povos escravizados trazidos da África. A independência, datada de 1º de janeiro de 1804, após dez anos de lutas entre escravizados e colonizadores franceses com a vitória da *Batalha de Vertieres*, tem um sentido histórico e de valorização nacional por se constituir como a primeira independência de um país por mãos de escravizados.

No entanto, o processo de independência uniu diversos interesses culminando em constante deslocamento de haitianos para países como França, República Dominicana e Estados Unidos. O fato gerou no Haiti uma cultura de mobilidade e a *marronnage* referente à fuga de colonos do trabalho escravo. Essa prática carrega ainda hoje a nomeação

de *marrons* a indivíduos que fogem do Haiti por diversos motivos, como brigas familiares, feitiçaria ou vodu, ou mesmo por questões políticas e jurídicas (HANDERSON, 2015).

A partir desse contexto é possível pensar as diásporas haitianas, que tiveram sua primeira expressão no período em que forças militares estadunidenses ocuparam o Haiti (1915-1943) e a República Dominicana (1912-1924), fazendo deste país um receptor de mão de obra daquele por conta do avanço da indústria de cana-de-açúcar. Os haitianos imigrantes laborais foram chamados de *braceros*.

A segunda diáspora, afirma Handerson (2015), está relacionada à cada vez mais constante presença estadunidense no Haiti, que tornou obrigatório o ensino do inglês e aumentou consideravelmente o número de igrejas protestantes. Somada a essa interferência cultural, responsável pelo envio dos filhos da elite haitiana aos Estados Unidos, de 1957 a 1971, o Haiti esteve sob a ditadura de François Duvalier e a proclamação do mesmo como “Presidente vitalício” reconfigurou a dinâmica migratória no país:

A autoproclamação de “Presidente vitalício” de François Duvalier em 1964 assustou os intelectuais e a classe média negra (médicos, advogados, professores) que não demoraram para ir ao exílio. Entre 1957 – o ano de ascensão de Duvalier ao poder – e 1963, 6.800 haitianos foram para os Estados Unidos com visto de imigrantes e outros 27.300 com visto temporário. Entre o ano da autoproclamação em 1964 até o ano da sua morte em 1971, os serviços de imigração estadunidense registraram 40.100 imigrantes e 100.000 não-imigrantes oriundos do Haiti. (AUDEBERT, 2012, p. 26-27)

Handerson (2015) utiliza essa informação para prosseguir na descrição de múltiplos destinos dos haitianos pelo mundo nessa segunda diáspora, especialmente para países francófonos, como o Canadá (província do Quebec), com 90 mil pessoas até 2001; países africanos como Senegal, Benin e República do Congo; Bahamas a partir de 1940, onde existem entre 40 mil e 70 mil haitianos; a Guiana Francesa, a partir de 1963, e, conseqüentemente, a França, que recebeu os primeiros haitianos somente na década de 1960, mas que na década de 1990 já contava com 20 mil imigrantes do país caribenho.

O terceiro período da diáspora haitiana está alocado na década de 1990 e relaciona-se com as conturbadas sucessões presidenciais no país, especialmente pelas três passagens do governo nacional de Jean-Bertrand Aristide, que ocupou, ao todo, oito anos no governo ao longo de 13 anos. Os sucessivos golpes espantaram os haitianos, que buscaram refúgio em países vizinhos.

A quarta diáspora, vivenciada nos últimos anos pelo povo haitiano, é a que insere o Brasil na rota, embora Handerson (2015) afirme que a mobilidade não ocorreu apenas externamente, mas mobilizou pessoas – ainda que pela primeira vez – para o interior rural do Haiti. Agravada pelo terremoto de 7,3 pontos na escala Richter que devastou a capital Porto Príncipe em 2010, a crise haitiana decorria de fatores políticos, sociais e econômicos que foram agravados com o desastre ambiental, dificultando que o país pudesse se reerguer sozinho. Dos 10 milhões de haitianos, o terremoto matou aproximadamente 300 mil, deixando mais 500 mil feridos e 3 milhões desalojados, como informa Fernandes (2015) em sua pesquisa.

É possível perceber que, até a chegada do Brasil nessa história, há uma longa trajetória, cuja relação com movimentos diaspóricos acaba por compor a identidade haitiana. Handerson (2015) levanta esse tema comentando sobre o uso da palavra “diáspora” em expressões: a “casa diáspora”, referente à identidade familiar na forma arquitetônica de residências; o “sonho em ser diáspora”, nesse “destino imigrante”; dizer que alguém “parece um diáspora” para se referir a um comportamento de maior poder aquisitivo, são exemplos dessa composição identitária que acabaram por tornar a palavra parte no vocabulário da língua oficial do país, o crioulo: *dyaspora*.

Assim, se o Brasil não se apresentou como tradicional destino histórico, as políticas da última década tornaram o fluxo constante a fim de não apenas trazer novos parâmetros para a migração haitiana, como também novas formas de recepção do Estado brasileiro, a partir do eixo migratório Sul-Sul decorrente, especialmente, do endurecimento das políticas migratórias na Europa e Estados Unidos, além de uma ativa presença internacional do Brasil nos anos anteriores.

E nesta realidade marcada pela divisão das fronteiras geográficas, a temática migratória ganha relevância quando o intercâmbio de culturas não se restringe ao território político do nacional. Se os limites dos Estados-nação mobilizam novas formas de ser “sociedade nacional”, os indivíduos, nela, não estão sujeitos apenas às dimensões político-territoriais do lugar em que vivem, mas se relacionam com “campos sociais” (BRAGA, 2006; BOURDIEU, 2001) que extrapolam esses limites atribuídos.

Hall (2006), por outro lado, afirma que a homogeneização das culturas nacionais, promovida pelos limites impostos pelos Estados-nação, produz discursos e sentidos sobre a nação construindo “comunidades imaginadas”, termo de Benedict Anderson. É evidente que “as nações modernas são, todas, híbridas culturais”, sugere o autor (2006, p. 62) e é possível perceber esse componente na formação haitiana. Observando esse ambiente, Appadurai (1997) denomina “esfera pública diaspórica” a dinâmica social proporcionada pelo desenvolvimento de novas tecnologias responsáveis pelo deslocamento dos indivíduos do mundo moderno ao pós-eletrônico, que contribuem nessa transmutação física e cultural à revelia dos processos de homogeneização da modernidade. É a partir dessa resolução teórica que passamos para a concepção das redes como resultado prático dessa “esfera pública diaspórica” e a possível construção do *capital de mobilidade*.

## As Redes Construtoras do Capital de Mobilidade

Ao considerar que o estatuto do Estado-nação não é suficiente para assegurar a identidade do indivíduo, opta-se por um caminho teórico que explica como a decisão de migrar, mediada pela midiaticização da sociedade, responde a este fenômeno das identidades em trânsito. No campo da sociologia, a contribuição de Pierre Bourdieu e sua teoria da razão prática indicam dois conceitos importantes para esse texto: *habitus* e *capital*. Para Bourdieu (1996), *habitus* são estruturas incorporadas ao indivíduo que se contrapõem à noção estritamente racional de suas motivações, ao mesmo tempo em que recusam um certo estruturalismo que entrega ao indivíduo apenas passividade. Essas “disposições”, expressão que o autor compara diversas vezes com *habitus*, possibilitam que o indivíduo faça “ativamente o mundo social por meio do envolvimento de

instrumentos incorporados de construção cognitiva”, ou seja, contra o estruturalismo, ao mesmo tempo em que “contra o construtivismo, que estes instrumentos foram também eles próprios feitos pelo mundo social” (WACQUANT, 2007, p. 67).

O *habitus* não é autossuficiente, esclarecerá Wacquant (2007). Para ele, “não pode ser considerado isoladamente dos mundos sociais particulares” e, por isso, a noção pode ser vista como uma “postura de investigação” para apontar o caminho contínuo do mundo vivido pelos indivíduos (2007, p. 69), o que possibilita aproximar das realidades de deslocamento humano. Na perspectiva de Bourdieu, este *habitus* está vinculado à ideia de *capital*. Conforme sugere a palavra, *capital* é aquilo que se acumula culturalmente, socialmente, simbolicamente no sistema de significados da sociedade, e até de mobilidade, como pleiteiam Oliveira e Kulaitis (2017).

Ao proporem uma aproximação da teoria de Bourdieu ao fenômeno migratório, os autores trazem os conceitos de *habitus migrante* e *capital de mobilidade* para explicar como “os projetos migratórios são frutos de um sistema de disposição (...) e como eles se transformam em um conjunto de propriedades específicas” (OLIVEIRA; KULAITIS, 2017, p. 15). Para eles *habitus migrante* é:

o conjunto de disposições adquiridas que funcionam como princípio gerador de representações e práticas migratórias. Tem sua origem e formação nas experiências migratórias pessoais ou vivenciadas no interior do grupo étnico e/ou familiar. Esse tipo de *habitus* se apresenta como fonte de inspiração e como facilitador dos percursos migratórios. (idem, p. 42)

Já o *capital de mobilidade* define-se por:

(...) [ter] um papel preponderante na dinâmica social. Tal qual o *capital cultural*, trata-se de um conjunto de bens (simbólicos e materiais) que se apresenta sob a forma de conhecimentos migratórios – formalidades administrativas, procedimentos de viagens, línguas e costumes – e documentos (cartas de estadia, passaporte ou contratos de trabalho) adquiridos pelo indivíduo através de experiências próprias ou de indivíduos próximos, oriundos de seu grupo familiar ou étnico. Apresenta ainda dimensão jurídico-política quando o indivíduo adquire outras nacionalidades ou um novo *status* de cidadão. Reflete-se no aumento da capacidade individual de integração, de empregabilidade, de mobilidade e/ou de migração. Em associação com os capitais cultural, simbólico, social e econômico, tende a produzir indivíduos-mundo. (idem, p. 42)

É necessário considerar que suas derivações [do capital] se interpelam. Assim, o *capital de mobilidade* pode relacionar-se com o *capital simbólico*, por exemplo, quando a reputação construída por familiares emigrados contribui para o deslocamento de um haitiano ao país de destino e diversos outros fatores que extrapolam, inclusive, os campos sociais, tendendo à produção de indivíduos-mundo, como ressaltado na citação anterior.

Essa experiência migratória que vem da família ou da comunidade é fomentada pela presença das tecnologias de comunicação e informação (TICs), que propulsionam

junto a outras mídias tradicionais as “conversas sociais” (BRAGA, 2016; 2012) e desempenham função socializante ao *habitus migrante*. Esta experiência e esquemas de ação decorrentes, ditas em Oliveira e Kulaitis (2017), transformam-se em *capital de mobilidade*. E os pesquisadores concluem:

O que aparentemente foi uma consequência da relação entre fatores de expulsão (precárias condições de vida) e fatores de atração (concessão de visto humanitário) pode ser visto como um ajuste fino entre as disposições duradouras do *habitus migrante* e o contexto migratório. (idem, p. 43)

Da mesma forma que o *capital de mobilidade* vai sendo incorporado ao *habitus migrante*, o artigo apresenta como acréscimo a esta definição de capital o conceito de webdiáspora, como uma espécie de estratégia/uso do *capital informacional*, definido como uma “reapropriação das TICs pelos imigrantes e seus usos sociais e subjetivos dela decorrentes” (ELHAJJI; ESCUDERO, 2015, p. 14), ao mesmo tempo que conseguem “tecer e reforçar suas redes sociais, econômicas, políticas e culturas transnacionais” (Idem). Embora o artigo restrinja o *capital informacional* ao universo da reapropriação de tecnologias de comunicação e informação, compreende-se a amplitude do termo ao abarcar a composição das mídias tradicionais na participação das “conversas sociais” (BRAGA, 2006; 2012) e as próprias interações comunicativas de migrantes em um processo social contínuo de organização identitária, tratadas como objeto comunicacional em pesquisa anterior (ÁVILA, 2016).

Se a reapropriação das TICs permite tecer e reforçar as diversas redes que compõem a vida social do imigrante nesse movimento webdiáspórico, compreende-se que isso afeta decisivamente a construção de um *capital informacional* e, por conseguinte, em um *capital de mobilidade*. Além da já conhecida apropriação que a internet faz do termo “redes sociais”, elas podem abarcar todas as interações de indivíduos ou grupos em suas relações cotidianas, as quais surgem a partir de demandas das subjetividades e da identidade particular. É considerada rede social todo impulso que indivíduos ou grupos dão em torno de interesses coletivos, conglomerando pessoas para fins comuns, como é o caso de movimentos e comunidades (AGUIAR, 2006, p. 14). Afirma Sônia Aguiar:

Embora o crescimento e a extensão das redes sociais nos últimos dez anos possam ser atribuídos, de forma significativa, à disseminação da Internet comercial, a abordagem aqui proposta leva em conta também os “elos invisíveis” através dos quais circulam informação e conhecimento, permitindo a expansão da rede para além dos meios digitalizados, das instituições legitimadas e dos detentores de poder. Esse tipo de abordagem é fundamental em contextos de alto grau de infoexclusão (...) (AGUIAR, 2006, p. 16).

Sônia Aguiar (2006) critica a concepção que todo nó interconectado seja uma rede, como uma ferrovia que leva uma pessoa de um ponto a outro, de um local a outro, mas que em sua forma completa é global, como defende Latour (2013). Para Aguiar, na verdade, mais do que estar em rede, é estar em rede para enfrentar algo. Nesse sentido, o prin-

cial enfrentamento ao qual os haitianos estão envolvidos é a adversidade em relação ao seu país, decorrente de distintos episódios que culminaram em diásporas, tendo como último caso a junção de instabilidades políticas e desastres naturais. De toda forma, é a temática do trabalho fator decisivo para que indivíduos se desloquem. Sobre a relação imigração-trabalho, Sayad (2000) afirma:

Afinal, o que é um imigrante? Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasmo), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado para trabalhar (como imigrante) durante toda sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer como imigrante, continua sendo tratado como um trabalhador definido e provisório (...). Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem uma razão de ser para o trabalho e no trabalho, porque se precisa dele (...) e lá onde se precisa dele. (SAYAD, 2000, p. 54-55)

Embora nesse artigo a teoria econômica dos estudos migratórios seja minimizada pelas teorias dos sistemas migratórios e redes<sup>2</sup>, entende-se a categoria “trabalho” vertente principal dos deslocamentos humanos que possibilitam, inclusive, a aproximação das representações sobre “imigrante” e “trabalhador”, como afirma o autor. Embora a maioria dos imigrantes esteja em busca de trabalho ou melhores condições de vida, outros tantos se encaminham para estudos ou mesmo pelo impulso cultural como motivação, mas é notório que em países cujas situações se aproximam ao refúgio – como no caso do Haiti – o deslocamento por pura opção se torna menos realista e mesmo a justificativa de se deslocar para estudos alinha-se à lógica do trabalho, se pensada a longo prazo.

Considerando a dinâmica do trabalho como motivadora dessa construção de redes, a partir da construção do *habitus imigrante* e sua relação com as TICs que a posterior análise se situa.

## Metodologia de Pesquisa e Análise das Entrevistas

Compete justificar o componente metodológico assumindo, primeiramente, que há um recorte em relação à pesquisa inicial a qual utilizou como objeto os processos comunicativos realizados pelos imigrantes haitianos residentes em Curitiba. Embora o *locus* continue sendo a capital paranaense, este artigo busca analisar como objeto as interações entre haitianos imigrantes e os candidatos à imigração, além de eliminar, nesse momento, a presença das organizações de apoio da cidade na contribuição às reconstruções identitárias dos imigrantes.

A partir da aplicação de parâmetros analíticos ligados à Hermenêutica de Profundidade (HP), de John Thompson, que em seu livro *Ideologia e Cultura Moderna* (2011) sugere como objeto toda “construção simbólica significativa, que exige interpretação” (p. 355, 2011), essas formas simbólicas, que podem ser textos, falas ou ações, são cons-

truídas sobre distintos contextos sociais e históricos e podem ser inter-relacionadas com outros métodos de forma a reivindicar destacada capacidade interpretativa.

O enfoque interpretativo atravessa outros métodos, como a análise de conteúdo. Este momento, chamado de análise formal (a única a ser materializada no artigo) pela HP, procede à análise da *doxa* (conceito de Bourdieu ligado à análise do cotidiano) e à análise sócio-histórica, todas precedendo a interpretação/reinterpretação ou o que Laurence Bardin (1988) chama de Inferências na análise de conteúdo.

Para fins práticos, embora realizada de forma completa em sua produção original, a HP não será utilizada neste artigo porque demandaria um espaço inviável, já realizado na pesquisa anterior mencionada. Citamos outro trabalho sobre esta escolha metodológica: “A realização de algumas das análises, sem completar o ciclo da HP, gera uma visão parcial e potencialmente equivocada, além de não respeitar o método, o que ocasiona perda de tempo e de eficiência” (REINO; NAZARIO; MANFREDINI, 2016). Considerando essa limitação, substituímos a HP pela análise de conteúdo que, oportunamente, é encontrada na metodologia de Thompson e nomeada de análise formal. Embora a análise que virá não seja um recorte da realizada na HP original, é possível estabelecer um diálogo entre elas e seu *corpus* teórico.

As escolhas dos entrevistados seguiram características gerais dos imigrantes haitianos no Brasil (gênero, religião, idade, formação, profissão), além de serem pessoas que mantinham relações com organizações sociais da cidade pela possibilidade de acompanhamento a longo prazo. Na pesquisa que deu origem a este artigo (ÁVILA, 2016) foram escolhidas quatro categorias: práticas comunicativas mediadas por tecnologias; manifestações culturais; trabalho; e organizações de apoio. Neste artigo, explorou-se o trabalho, especialmente no que concerne aos “motivos da vinda” (identificando que é justamente essa categoria o principal motivo da imigração ao Brasil) e as práticas comunicativas ligadas ao mesmo “motivos da vinda”. Esse ponto de encontro (motivos da vinda) entre as categorias manifesta nosso interesse pela vinculação ao *habitus migrante* e *capital de mobilidade*, que serão elucidados durante a análise.

O *corpus* da pesquisa está atrelado ao perfil de haitianos que imigraram ao Brasil. Ao todo, foram realizadas 13 entrevistas semiestruturadas, sendo 11 delas com haitianos (dois deles representando organizações de apoio, ignorados neste artigo) e duas com brasileiras, também representantes de organizações de apoio. Da parte dos entrevistados haitianos que são considerados neste trabalho, nove entrevistados, apenas uma pessoa não pertencia à faixa etária dos 29 aos 33 anos. Cabe considerar que, segundo pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e de outras instituições, como o próprio Governo Federal (FERNANDES; CASTRO, 2014), a faixa etária média dos haitianos que vêm ao Brasil varia entre 25 e 34 anos, apesar de o universo contemplar de crianças a idosos (ÁVILA, 2016).

Quanto ao sexo, a pesquisa se dividiu: dos nove haitianos entrevistados, seis eram homens e três eram mulheres, mas a escolha foi feita estrategicamente, respeitando a média de 20% de imigrantes mulheres haitianas até a referida pesquisa (FERNANDES; CASTRO, 2014). Em relação ao estado civil, apenas dois entrevistados afirmaram ser casados, sendo um homem e uma mulher. Além desses, outros dois homens afirmaram ter filhos. Se os casados estão com a sua família completa no Brasil, ambos os homens solteiros

têm seus filhos morando no Haiti (ÁVILA, 2016). Um dos pontos mais questionáveis demograficamente é o da religião. Dos nove entrevistados, oito afirmaram ser protestantes/evangélicos e um disse não ter religião. Dados sobre o Haiti ainda afirmam que o catolicismo é a principal religião do país, seguido do protestantismo e do vodu haitiano. De toda forma, a empiria realizada na Pastoral do Migrante constatou que a maioria dos migrantes haitianos em Curitiba pertence a religiões protestantes (ÁVILA, 2016). Por fim, é importante ressaltar a escolaridade e a ocupação dos haitianos em Curitiba. Destes, cinco afirmaram ter tido acesso ao ensino superior (concluindo ou não), três têm ensino médio completo e apenas um o ensino fundamental completo. É preciso deixar claro que as especificações de ensino fundamental completo e médio são traduzidas para a linguagem brasileira, mas são diferentemente concebidas no Haiti. Em relação à ocupação dos haitianos, apenas dois entrevistados afirmaram ter ocupações próximas às suas profissões de origem (vinculadas, sobretudo, à formação universitária) (ÁVILA, 2016).

Durante dois anos houve acompanhamento sistemático da comunidade haitiana em Curitiba por meio de duas organizações de apoio aos migrantes. A partir disso, foi possível realizar entrevistas em profundidade que agora foram utilizadas na apropriação das novas tecnologias, aqui chamadas de webdiáspora. Tais práticas comunicativas são parte de processos de interação atribuídas às “conversas” mediadas por dispositivos tecnológicos e que se põem em circulação social. Elas buscaram ser identificadas em uma nova “conversa” (as entrevistas), cuja especificação recai sobre os motivos da vinda desses imigrantes e como essas decisões/disposições estão atreladas à construção de um *capital de mobilidade*.

## Análise das Entrevistas

A primeira parte da análise está relacionada aos “motivos da vinda” dos haitianos ao Brasil, considerando que a categoria “trabalho” seria um dos principais argumentos de migração, sobretudo pela impossibilidade de o Haiti abranger toda a mão de obra de seus cidadãos após os desastres ambientais dos últimos anos. As entrevistas confirmaram que a migração ao Brasil se deve a questões de trabalho, estudos e a um clima propício para viver. O quesito trabalho foi o mais ressaltado, influenciado pelas interações pessoais. Informações sobre a economia haitiana revelam que, entre 2005 e 2015, as remessas financeiras de fora registraram participação de 22% a 26% no PIB haitiano, o que equivale a 150% das exportações do país (UNCTAD, 2017).

É possível perceber o trabalho como componente mediador da mudança para Curitiba, somado à característica do contato interpessoal: *“Em 2013, quando eu estava lá no Haiti, queria mudar de país. Eu queria morar em um país rico, mas a oportunidade do Brasil subir, é fácil de conseguir um visto permanente. Embarquei para cá. Eu vim para cá para estudar também, trabalhar”* (Entrevistado E9, 2015).

O cara me falou e daí eu tenho um amigo aqui em Curitiba e ele me falou também. O cara que vem de fora ele quer achar um emprego rapidinho também, entendeu? Aí o cara falou: “Lá tem um lugar e você pode achar um emprego rapidinho”. Qualquer lugar que você vai lá, qual o setor que você quer trabalhar

e vai indo. O cara que está aqui falou: “Vem hoje e amanhã você já pode vir trabalhar”. (Entrevistado E6, 2015)

(...) depois do Haiti ter sido atingido pelo terremoto eu, com um primo que estava já aqui, ele conversava comigo – ele estuda Engenheiro Industrial. Ele foi estudar na República Dominicana e depois ele veio pra cá pra ver se conseguia um emprego melhor, ou pra fazer mais experiência no trabalho dele. Ele chegou aqui no Brasil e depois perguntou a mim se eu queria vir também... (Entrevistado E2, 2015)

Um pouco além dessas falas, o trabalho se mostrou como o único fator para a vinda de uma família haitiana para Curitiba: *“Chegando em Manaus, uma empresa de mina de ouro contratou meu marido para Curitiba. Daí depois me contrataram como cuidadora de idoso. Foi assim que nós viemos aqui. Através daquela empresa que foi lá em Manaus nos contratar”* (Entrevistado E5, 2015).

Ainda que as interações pessoais tenham se mostrado mais decisivas do que a oportunidade de trabalho no Brasil, é importante referendar que havia nessas pessoas um componente de esperança, de uma imagem potencializada pela mídia haitiana sobre o país, que não será analisada neste artigo. Mas o componente de esperança pode ser ratificado a partir das características favoráveis dos haitianos entrevistados (*capital cultural e social*), como uma formação técnica ou superior e um conhecimento de idiomas: *“(...) ‘você fala vários idiomas, você manja em computador, você pode vir, daí você vai ter sorte pra trabalhar aqui’ (...) Eu falo crioulo que é um dialeto de lá do Haiti, francês que é nativo, inglês, espanhol e agora português”* (Entrevistado E3, 2015).

Quanto à escolha por Curitiba, a categoria “trabalho” também aparece como um componente, como pode ser percebido pela fala do Entrevistado E5, logo acima, e por essa constatação:

Eles vêm muito por conta das Pastorais do Migrante e por conta do empresariado. Os empresários que acabam trazendo eles para o Sul, por conta da mão de obra, infelizmente, né, a mão de obra barata (...) vêm muitos ao sul, pra Santa Catarina, Rio Grande do Sul. (Entrevistado EQ3, 2015)

Desta forma, percebe-se que a vinda ao Brasil e, especialmente, para Curitiba, está relacionada a oportunidades vislumbradas frente ao conceito desta como a “melhor cidade do país”, segundo levantamento em 2015 da *Agência Austin Ratings* e pela *Revista IstoÉ*; e do Sul, como região desenvolvida nacionalmente, cuja afirmação, inclusive, é aceita em uma das falas: *“Se você pensar em Curitiba, você pode pensar em qualquer cidade do mundo. Uma cidade da França, do Quebec... não sei se você concorda comigo”* (Entrevistado E6, 2015).

Se a escolha por Curitiba está ligada a um *capital simbólico*, prestígio por ser a “melhor cidade do país”, pesquisas dos últimos anos sobre empregabilidade trazidas pelo Observatório de Migrações da UnB afirmaram que as capitais do Sul e Sudeste brasileiro demitiram mais do que contrataram estrangeiros em 2015, ano da pesquisa.

Se parte da decisão de migrar esteve relacionada ao trabalho, como podemos notar na pesquisa e nas próprias teorias sobre migrações, perguntou-se aos nove haitianos qual a principal fonte de informação que os fez migrar para o Brasil e para Curitiba. Embora a mídia tradicional fosse critério de análise e houvesse uma presunção que a propaganda do Brasil na última década fosse bastante positiva, notou-se que o componente da confiança nas informações de algum emigrado divide a força com a propaganda positiva do país de destino. Vale ressaltar uma das falas que expõe como fator para se decidir pela migração a necessidade dos vínculos afetivos como canalizadores de confiança: “(...) eu tinha um amigo aqui no Brasil, em Curitiba, que me convidou: ‘Ô, E3\*, vai ter Copa do Mundo, você fala vários idiomas, você manja em computador, você pode vir, daí você vai ter sorte pra trabalhar aqui.’ Daí larguei tudo para vir aqui” (Entrevistado E3, 2015).

Interessa analisar a condição pela qual esses vínculos afetivos foram realizados a ponto de influenciar a decisão de migrar. Só é possível manter um contato permanente com tais pessoas distantes se existirem tecnologias de comunicação disponíveis e facilmente acessíveis (ÁVILA, 2016; 2018). Nesse sentido, não basta apenas o porte do instrumento tecnológico, mas o uso que se faz dele em uma relação entre o *capital informacional* (a aquisição de possibilidades a partir do uso do meio para finalidades específicas) e o *capital de mobilidade* (a aquisição de capacidades migratórias a partir da aquisição de disposições incorporadas).

A acessibilidade da internet e de suas ferramentas de conversação interpessoais ou grupais, como o *Whatsapp*, torna mais fácil o entendimento sobre a realidade do país para o qual se pretende migrar. Além do *capital informacional*, pode-se perceber que o *capital simbólico*, ou seja, o prestígio que determinados indivíduos desempenham no grupo, atua como argumentação de convencimento. O referendo de vínculos afetivos e familiares revela como a imigração, hoje, pode ser influenciada por aqueles que expõem sua opinião e contam sobre os novos espaços de ocupação, o que parece criar uma perspectiva de confiança muito mais forte do que as informações veiculadas apenas pelas mídias tradicionais (ÁVILA, 2016; 2018).

(...) depois do Haiti ter sido atingido pelo terremoto eu, com um primo que estava já aqui, conversava comigo – ele estuda para Engenheiro Industrial (...). Ele chegou aqui ao Brasil e depois perguntou a mim se queria vir também (...) Meus pais não queriam pra *mim* viajar tão longe assim, mas meu primo conversou com eles e conseguiu o aceite. (Entrevistado E2, 2015)

Se na maioria dos casos a presença de alguma pessoa conhecida contribui para a vinda do migrante ao Brasil e a Curitiba, em outros casos, o conhecimento prévio a partir das informações veiculadas nas mídias, ainda que pequeno, também colabora: “Sobre o Brasil só (*sabia*) sobre futebol. Mas uma coisa que eu *sabia* é que o Brasil produzia muito café” (Entrevistado E8, 2015). Também nessa fala, o entrevistado revela mais conhecimentos sobre o país, o que denota um aumento na capacidade de *capital de mobilidade*, aliado ao *capital informacional* (busca avançada na internet):

Eu tinha acesso à internet, lá na faculdade no Haiti, e eu pesquisei bastante. A parte mais importante pra mim é que o Brasil estava no 5º lugar das economias no mundo. Às vezes eu penso que eu sou uma vítima da propaganda do Brasil lá fora. Porque lá fora não mostram as favelas (...). Eu sei que tem miséria no Brasil, mas eu achei que era fraco e quando eu cheguei eu vi que era outra coisa. Mas fora tem turismo e a economia é muito boa. Depois vai ter a Copa do Mundo, o Brasil vai crescer mais. Eu estava pensando assim. (Entrevistado E6, 2015)

Cabe ressaltar que este entrevistado busca ascensão social no Brasil por meio de validação do diploma, algo ainda não conquistado. Embora o *capital intelectual* (conquistado com a validação dos saberes) não possa ser atribuído ao imigrante haitiano, a sua fala busca a validade cultural pela demonstração de conhecimento prévio do país, ao mesmo tempo em que o *habitus imigrante* foi apropriado pelo mesmo, visto que disposições estruturais fomentadas pela opinião pública tornaram-se um “ajuste fino” na decisão de migrar, conforme afirmam Oliveira e Kulaitis (2017).

Ao se observar a estreita relação que os dispositivos tecnológicos tiveram na decisão de migrar especialmente a partir de vínculos afetivos percebe-se que após a migração essa relação ainda se mantém, agora com remanescentes no país de origem. Todos os entrevistados afirmaram manter contato frequente com suas famílias e amigos e acabam por manter o ciclo comunicativo migratório, sendo agora eles os informantes das realidades externas à sua nação:

Agora eu sempre falo que aqui no Brasil... como tem eles que me perguntam, porque eles sabem que eu gosto muito de informação, essas coisas assim, eu sempre falo a verdade (...) eu ainda tenho um relacionamento com meu ex-colega que eu trabalhei lá no Haiti, no rádio, sempre fica uma conexão da informação. (Entrevistado E2, 2015)

Essa relação que se estabelece entre os migrantes e as mídias sociais ou mídias tecnológicas aproxima-se do que Martín-Barbero chama de “mediação comunicativa da cultura”, que amplia a atuação das mídias, de algo meramente instrumental para se converter em estrutural. Assim, podemos afirmar que:

As experiências e narrativas do imigrante se mesclam cada vez mais densamente com as dos internautas. Milhões de *desplazados* e migrantes – dentro e fora de cada país – praticam a cidade que habitam escrevendo relatos em chats ou em hipertextos da internet, pelos quais indivíduos e comunidades se comunicam com seus familiares que ficam do outro lado do mundo. E isso através da circulação de histórias e imagens que contam, são contadas, para continuar contando entre as pessoas e para serem levadas em conta por aqueles que tomam decisões sobre elas que as afetam. (MARTÍN-BARBERO, 2015, p. 27. Tradução livre.)

A contribuição de Jesús Martín-Barbero encerra essa análise que buscou aproximar a teoria de Bourdieu com as decisões de migrar mediadas pelas TICs. A continuidade desse

ciclo são os novos usos que os imigrantes dão às redes sociais como um tipo de organização. Essa organização, em pesquisa anterior, trouxe à tona a participação de instituições de apoio, aqui, foi considerada apenas pelos esforços que os imigrantes têm no universo webdiaspórico, que possibilita formação de comunidades de sentimentos (SANTOS, 2002) e contribui para a construção de repertórios de resistência (HALL, 2013) em uma sociedade composta por muitas vozes, ou o que Braga (2006) chama de “redes difusas”. Essa necessidade pela organização, aprofundada em artigo anterior (ver ÁVILA, 2018), é visitada a partir da contribuição de Boaventura de Sousa Santos e sua ideia de cosmopolitismo, como forma real da formação de uma globalização contra-hegemônica, e que permita ao migrante estender sua identidade para além da capacidade de mão de obra e se situar como ser cultural.

## Conclusão

A decisão de migrar e a escolha de vir para o Brasil são influenciadas pela presença e uso das mídias. Esse intenso uso das redes sociais para aproximar haitianos que estão no Brasil e conterrâneos ainda residentes em sua terra natal não fica restrito apenas à natureza das redes como ferramentas para a manutenção de vínculos afetivos, mas seu uso acaba por modificar a forma do indivíduo migrante e, inclusive, contribui na decisão de migrar, como afirmou um dos entrevistados quando disse ter ganho a permissão de sua família para vir ao Brasil apenas porque seu primo, que já estava no país, conversou com seus pais pela internet.

A modificação da forma do “ser migrante” não se dá somente pela decisão em ser um imigrante, mas também na decisão de continuar o processo migratório já na condição de emigrado. O imigrante se faz emigrado e, na sociedade midiaticizada, ele dá continuidade ao circuito social comunicativo, ou o que chamamos aqui de *capital informacional* em constante sintonia ao *capital de mobilidade*. Essa afirmação nos permite considerá-los como aquilo que Oliveira e Kulaitis (2017) chamou de “indivíduos-mundo”.

A título de conclusão é interessante notar que a raiz bourdieusiana não exclui a presença de uma disposição dos indivíduos em tornar contínuo o circuito social das migrações. A circularidade comunicacional passa a ser parte desse *habitus imigrante* como uma estrutura incorporada ao indivíduo. E que estrutura é essa? A da sociedade midiaticizada, usufruto dos indivíduos que buscam a validação de disposições referentes a diversas formas de saber, no caso, a capacidade de mover-se.

Cabe ressaltar, por fim: a pesquisa inferiu que essas novas formas de pertencimento manifestadas por meio das novas sociabilidades não substituem a comunidade original desses imigrantes, mesmo nos casos dos que não pretendem voltar ao Haiti. Concorda-se com a ideia de que o ato migratório modifica as identidades, tornando-as multifacetadas, ao mesmo tempo em que não perdem seu centro geográfico, que também é cultural, afetivo e histórico, mesmo em casos nos quais a identidade histórica aponta para um “destino de ser migrante”, sinal, inclusive, de uma relação viva com o Haiti.

## Agradecimentos

Agradeço as contribuições, em nível de orientação de pesquisa, da Dra. Myrian Del Vecchio de Lima e do Dr. Mohammed ElHajji.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, S. Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação: relatório final de pesquisa. *Relatório do Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações para o 3º Setor*. Rio de Janeiro: Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações, 2006.

APPADURAI, A. *Modernity at large*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

AUDEBERT, C. *La diaspora haïtienne: territoires migratoires et réseaux transnationaux*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

ÁVILA, O.; LIMA, M. V. Uma análise interpretativa sobre as práticas comunicacionais nas construções identitárias dos migrantes haitianos em Curitiba/PR. *Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, v. 41, p. 152-172, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/72252/44320>. Acesso em: 14 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. *O Haiti em Curitiba: um olhar interpretativo das práticas comunicativas dos haitianos no novo território*. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação e Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.

BRAGA, J. L. *A sociedade enfrenta sua mídia*. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. Circuitos versus campos sociais. In: JACKS, N. et al. (orgs). *Mediação e midiatição*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

CAVALCANTI, L. et al. A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. *Relatório Anual 2017. Série Migrações*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigra-

Otávio Cezarini Ávila

ção. Brasília, OBMigra, 2017. Disponível em: [https://laemiceppac.files.wordpress.com/2017/12/relatorio\\_final\\_pdf\\_crgd.pdf](https://laemiceppac.files.wordpress.com/2017/12/relatorio_final_pdf_crgd.pdf). Acesso em: 14 fev. 2019.

EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. Webdiáspora: migrações, TICs e memória coletiva. In: XXV Encontro Nacional – COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2015, Brasília. *Anais...* 2015. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2015\\_autores\\_2759.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/compos2015_autores_2759.pdf). Acesso em: 14 fev. 2019.

ESCUDEIRO, C. *Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens*. 247 fl. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Comunicação, Escola de Comunicação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FERNANDES, P. *Diáspora na rede: redes sociais e questões identitárias de migrantes haitianos no Brasil*. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HANDERSON, J. *Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

MARTÍN-BARBERO, J. Desde donde pensamos la comunicación hoy? *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, Equador, n. 128, p. 13-29, 2015. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2545/2445>. Acesso em: 14 fev. 2019.

OLIVEIRA, M.; KULAITIS, F. Habitus imigrante e capital de mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. *Revista Mediações*, Londrina, v. 22, n. 1, Dossiê Migrações Internacionais Contemporâneas, p. 15-47, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/29616/pdf>. Acesso: 14 fev. 2019.

REINO, L.; NAZARIO, H.; MANFREDINI, R. A hermenêutica de profundidade e suas aplicações. *Revista Linguagens*, Blumenau, v. 10, n. 2, p. 304, 2016. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/5164/3349>. Acesso: 14 fev. 2019.

SANTOS, B. (org). *A globalização e as ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia – Revista do Migrante*, São Paulo, v. 13, n. Especial, p. 7-32, 2000.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

UNCTAD. *HandBook of statistics 2017*. Geneva, 2017. Disponível em: <http://unctadstat.unctad.org/EN/Index.html>. Acesso em: 25 fev. 2018.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. *Educação & Linguagem*, São Paulo, v. 10, n. 16, p. 63-71, 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126/136>. Acesso em: 14 fev. 2019.

Recebido em: 30/07/2018

Aceito em: 18/1/2019

---

<sup>1</sup> “País estrangeiro”, na língua crèole.

<sup>2</sup> Escudero (2017, p. 20) afirma que os processos migratórios costumam ser classificados em três variáveis: quantidade de pessoas deslocadas (migração em massa ou individual), o tempo de permanência do migrante (migração definitiva ou temporária), e como se deu a forma de migração (migração espontânea ou forçada). Além dessas variáveis, O’Reilly (apud ESCUDERO, 2017) identifica três correntes principais em seus estudos sobre migração: teorias econômicas; sistemas migratórios e redes; e teorias da globalização. Na pesquisa, opta-se pelos sistemas migratórios e redes por considerar o contexto social e a lógica comunicativa de “circulação”.